





*Oficina de mapas realizada de 13 a 17 abril 2009 na Ilha Peruzzi, Rio Paraná.*

#### **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**

##### **Coordenação do PNCS**

Alfredo Wagner Berno de Almeida (PNCSA-CESTU/UEA)  
Rosa Acevedo Marin (UNAMAZ – NAEA – UFPA)

##### **PNCS Laboratório / Guarapuava**

Roberto Martins de Souza (IEEP/CEMPO)  
José Carlos Vandresen (CEMPO)

##### **Coordenação geral do MOIRPA**

Francisco Vitorino da Silva; Misael Jeferson Nobre;  
Antônio Tavares Irmão; Antônio Carlos Mileski;  
João Benjamim Franco; Antonici Machado

##### **Direção da APIG**

Eduardo Ortt Presidente  
Antônio Tavares Irmão Vice-presidente  
João Rosa Tesoureiro  
Francisco Vitorino da Silva Secretário

##### **Equipe de pesquisa**

José Carlos Vandresen; Antônio Tavares Irmão

##### **Apoio técnico**

Bárbara de O. Miranda; Daniele Fátima Santos;  
Diana Kuhn da Anhaia

##### **Fotografias**

José Carlos Vandresen; Bárbara de O. Miranda;  
Bruno Henrique Costa Toledo; Arquivos Ilhéus

##### **Cartografia e mapa**

Bruno Henrique Costa Toledo

##### **Projeto gráfico e editorial**

Ernandes Fernandes / Design Casa 8

*Relação dos participantes das Oficinas de Mapas Antônio Tavares Irmão, Salvador Penga, José Pereira Nunes, Francisco Vitorino da Silva, Ângela Maria Vieira da Silva, João Benjamim Franco, Dorvalino Malicoski, Ubirajara Benjamim Franco, Nelsi Franco Gonçalves, Lourença Franco, Denair da Silva Brassi, Edito Tack, Zaquel de Oliveira Castro, Leonir Jonek, Verno J. Danike, Diva Pires Rodrigues, Atur Chimith, Nadir dos Santos Garcia, Misael Jéferson Nobre, Eduardo Ortt, Antonici Machado, Antonio Carlos Meliski, Geneci Maria Gonçalves, Valter Diogo Junior, Tilau.*

##### **CONTATOS**

**Movimento dos Ilhéus do Rio Paraná – MOIRPA**

telefone 44. 9138-9338

**Associação dos Atingidos Pelo Parque Nacional da Ilha Grande – APIG**

telefone 42. 8424-1150

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Ilhéus do Rio Paraná, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Acevedo Marin (coords); José Carlos Vandresen e Antônio Tavares Irmão (equipe de pesquisa) – Guairá-PR: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2009.

12p.:il.; 25 cm. – (Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil; 15).  
ISBN 978-85-7883-084-7

1. Comunidade Ribeirinha – Paraná. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Acevedo. III. Vandresen, José Carlos. IV. Irmão. Antônio Tavares. V. Série

CDU 301.185.2(816.22)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

## **O retorno ao território**

Pra mim é o maior prazer na vida de vim aqui, tô muito contente eu tô emocionado. É muita alegria a gente se encontrar e vê os companheiros que a gente já conhecia, e também voltar no lugar que a gente estudo a vinte e tantos anos, isso é muito importante pra gente e a gente fica até meio sem palavras pra fala, e agradeço a oportunidade mais uma vez de ta aqui com vocês. **José Pereira Nunes**

Estudei aqui na escolinha que era da professora e digo mais... ela também era criada aqui, então quer dizer que se a gente for olhar pra trás o que nós vivemos, eu acho que se a gente tivesse condições de voltar amanhã pra cá e continuar a vida, se eu trazer as minhas crianças aqui, eles ficam louco de ver esse lugar aqui, e olha é sem explicação, eu acho que nós aqui na ilha, aqui tinha tudo e agora a gente voltar de novo pra ver o como e que está a ilha, olha é triste, a gente olha e deixa essa beleza que está aí pra trás... não é fácil, eu tenho raiz nesse lugar aqui vi, eu, se eu pudesse voltar eu sinceramente... Mais óia eu se eu viesse sozinho aqui nunca ia imagina que aqui era o lugar que eu estudava porque, tão mudado, tão deferente né, e aqui nessa parte a valeta intupiu e a valeta corria água do varzeão, saia água do varzeão aqui, aquela água bem escura e aqui embaixo a professora tinha uma horta grande e tinha um plantio de arroz, aqui embaixo, e agora aí se vê tá tudo mato... mais faze o que né o tempo passou e o mato cresceu...mais é isso aí...depois de vinte poucos anos nós voltamos, um pouco mata a saudade do lugar né. **Dorvalino Malinoski**



*Registro do reencontro emocionante com o território, reverenciado pelo Sr. José Pereira. Já passados mais de 30 anos da expropriação pelas cheias de ITAIPU grande parte dos Ilhéus nunca havia retornado ao território.*

## **Nossa luta pela permanência nas ilhas**

Dou graças a Deus, porque tô hoje, tô com saúde, tô com saúde, tô vivendo aqui, muito prazer de rever meus velhos amigos, fomo criado juntos, e só lutando aqui, nunca esperava de ve meus amigos, mais tô aqui, enraizada aqui, e tenho que vou vencer, nascida e criada, dentro da ilha e não tenho a intenção de sair daqui. Enquanto tiver vida eu vou lutar pelos meus direitos. Eu só saio daqui dentro do caixão, vai para onde for. **Diva Pires Rodrigues**

Nós estamos lutando para ver se nós vencemos essa parada. É uma parada difícil porque nós somos pobres, nós estamos sofrendo até hoje por causa desse desvio de vida que eles jogaram pra nós, muitos anos de luta, muitos anos de sofrimento, lutando sem nós poder trabalhar e se sem nós ter o resgate do que era nosso. Despejado, nós fomos jogado fora do que era nosso então estamos lutando e vamos lutar até o fim para ver se nós conseguimos vencer. **Salvador Penga**

Tô aqui também né junto lutando né pa ve se nós consegue desse tempo né todinho ai já, doze ano mais o meno ai a gente não tá dentro da ilha, tô lidando pa vê se consegue ai um indenização né porque tanto tempo a gente sofrendo ai agora num nada dá certo...pa vê se nós consegue. **Zaqueu de Oliveira Castro**



*Meio de transporte utilizado pelos ilhéus*



*Pescado sendo preparado para almoço dos participantes da oficina*

Buscar o resgate do nosso território porque a terra, a nossa ilha é a nossa vida, é a nossa mãe é dela que nós vivemos e pra nós não interessa dinheiro, nenhuma terra que não seja nossa, aqui nós temos fartura de água e fartura de terra fértil e fartura de alimentação porque a terra produz sem precisar de química, então um pouco disso aí eu tenho um desejo ainda de ver o povoamento nessas ilha e que as pessoas possam reviver o tempo passado buscando as culturas dos ilhéus [...] resgatar um pouco a cultura e o modo de vida né, o companheirismo, aqui não se via falar em bandidismo e em ladroagem essas coisa, sempre o povo vivia independente livre até dessas perseguição de ladroagem pois todo mundo tinha né, então essas coisa que deixa a gente, hoje onde a gente mora tem que viver trancado, fechando as casa porque o bandidismo se esparramou né, então essas coisa aí é que deixa a gente com indignação na busca da convivência e dos nossos costumes do nosso povo em nosso território né. **Antonio Tavares Irmão**



**Apicultura: uma alternativa para os ilhéus**



**Ilhéus: plantação de arroz antes das cheias**

### **Como era nossa vida e nossa cultura nas ilhas**

Quando tinha os ilhéus, moravam todos aqui, eu vi esse tempo que tinha uma estrada, que as crianças estudavam e eu morava lá no Pontal, era tudo cheio de casinha, aqui ainda tem. A gente chegava na casa dali, tinha feijão, arroz, cada qual tem seu engenhinho de cana, cada um tinha porco, tinha galinha, tinha sua tuia de barro que aquele tempo madeira era difícil, então fazia suas madeirinha de barro e ali no canto da casa era cheio de arroz, cheio de feijão, a cana o quartazinho de cana, tudo tinha, cada um, tudo tinha seu engenhinho de cana pra toma garapa, tinha seu pilãozinho. Aqui plantava milho, feijão, batata-doce, mandioca, tinha fartura, tinha de tudo. Aqui tinha espécie de semente que hoje não se vê mais, o melão-croá, por falta de deixa a gente cultiva, os ilhéus cultivarem isso nas suas terras que fazem isso nas nossas terra. Nessa terra produzia de tudo e produz até hoje sem uma gota de adubo. **Diva Pires Rodrigues**

Na época que meu pai, que nós morava ali ainda, ele criava os porcos soltos, e quando a carne começava a ficar velha, tinha o defumador de charque, ia ficando velha a carne, nós falava assim pra mãe: “Mãe tem que mata os porcos”. Avisava os vizinho da frente primeiro, e os vizinho de mais perto, e matava um porco grande e repartia, daí quando tava terminando a carne nossa, começava a chega carne dos vizinhos, que eles matavam e ia entregando pra nós, e eles matava sempre um, e era carne defumada sempre, não tinha geladeira, era carne enlatada e defumada e os plantio de mandioca também, os plantio de mandioca era 12, 10 mil pé direto. E na região que nós morava ali ele era conhecido como o “homem da semente”, toda vida que precisava de semente nós íamos lá buscar, ele tinha a tuia grande feita de madeira, com aquela madeira lascada com ferro de tira tabuinha, loro branco e era farquejado bem acertadinho e era uma tuia de arroz e uma de feijão, e galinha e porco era a vontade, e o plantio de mandioca que nem eu disse, e de batata-doce era coisa de loco, banana tinha 12 mil moita, dos dois lados, aquela estrada que vem, a estrada que o pessoal andava, e é perto aqui, se for olhar, daqui lá dá 1500 metros mais ou menos, tinha um estaleiro de setenta e poucos, daí tinha o gado por lá, era direto, tirava e levava pra vende leite na cidade, tempo de fartura se for olha, banana era toda semana era uma carretada ti-

rada, ali do banhado. As plantas eram tudo misturada, plantava um carrerão de milho e plantava as carreiras de arroz no meio e as sementes de verdura, nós jogava pro meio da roça também, mas cada pé de alface, cebola, melancia pro meio. A gente não tinha horta na casa, a horta era nossa roça, e nunca precisou de veneno, nem de nada pra poder de cuidar dos bichinho, única coisa que atacava bastante na época da colheita era o passarinho, o pia-branca, daí nós era tudo piá e ia pro meio da roça grita com aqueles passarinhos, pra espanta eles dali. **Dorvalino Malinoski**

A minha vida na ilha era uma vida simples, mas muito boa, nós plantava de tudo, tinha milho, feijão, arroz, criava porco, tinha duas vaca de leite. Meus filhos pescavam, nós pescava, vivia mais da pesca. Plantava roça de quiabo, a gente tinha uma vida boa porque não precisava trabalha pra ninguém, meus filhos nunca trabalharam pros outros, só trabalhava pra nós mesmo em casa, não tiveram grande estudo, mas pra pescar, nós tinha um bote a motor e um abate que era pra pesca e no meio do dia trabalhava na roça. **Nadir do Santos Garcia**



**Valas de escoamento das roças alagadas**

Nunca ninguém passo fome nem tendo dificuldade, nunca ninguém precisou compra semente pra semear na terra, seus animais eram trocado, os animais de reprodução, pra pode melhorar a genética, então todo o sistema de sustentabilidade das família dentro das ilha eram independente de todo o mercado exterior de fora das ilha né, o pessoal plantava, colhia e não se preocupava em pagar conta, em pagar dívida, era dono do que plantava e do que colhia, hoje aonde a gente tá, eu estou hoje no município de Candói né, na região de Guarapuava, e lá o que a gente financia a gente planta, quando chega no final da colheita se entrega tudo pro banco né, pra pôde paga as dívida que fico lá nas casa de comércio de semente, veneno enfim né, e com isso acabando com a nossa saúde ainda né. **Antonio Tavares Irmão**

### **A vida fora das ilhas do Rio Paraná**

Perdi a minha ilha, o meu direito de trabalhar, sai daqui e fui pro estado de São Paulo, não consegui fica lá porque não me acostumei, não gosto das muralhas, não gosto da selva de pedra, eu gosto da natureza, da água, do rio, e peço a Jesus Cristo, nosso Deus que tem tanto poder, que ponha no coração dos dirigentes desse país, o amor, a esperança porque se eles soubessem o que é amar eles nunca tinha tirado nós da ilha. Porque eles não sabem o que é amor, o que é o ser humano, e por causa disso eu vivo num barranco de sem terra. Algum dia o governo me dá um pedaço de terra, pelo menos pra eles me recompensa o que eles me tiraram, que aqui eu criei minha família, meus filhos nunca foram empregado de ninguém, hoje em dia eu vejo eles levantar 4 horas da manhã pra trabalhar na usina porque se não os filhos deles passam fome. Agora nós estamos num acampamento do MST, já 7 anos, esperando ganhar uma terra do governo, porque tiraram a nossa, nós não podemos voltar, estamos no movimento em barracos, na beira do asfalto, num lugar e no outro, tentando, já entramos em terra, a polícia tiro 3 vezes, já enfrentamos tudo isso, já vi meu segundo filho preso por causa do movimento, e foi dessa vida, agora é só sofrimento, mas eu vou luta, enquanto eu tiver vida e com fé em Deus, eu vou lutar, porque eu acho que todos nós temos direito a um pedaço de terra, porque Deus não repartiu a terra, Deus deu, e agora o latifúndio

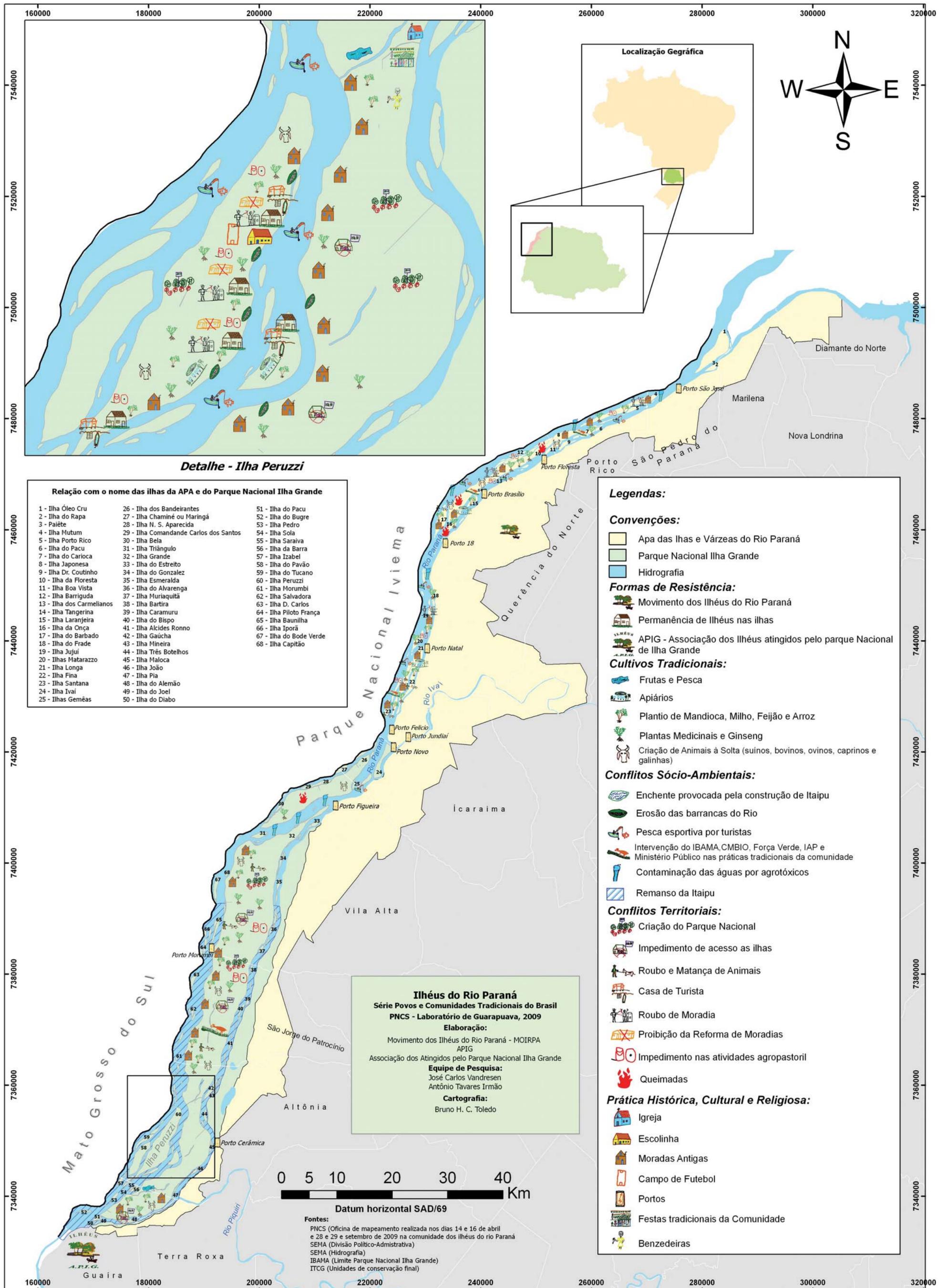
## Conquistas

- Organização dos Ilhéus no Movimento Justiça e Terra e posterior Movimentos dos Ilhéus do Rio Paraná.
- Assentamentos das famílias de Ilhéus, mesmo que espalhados pelo Paraná e estados vizinhos.
- Ocupação na ITAIPU nos anos 90, referente a reivindicação de indenização que resultou simplesmente numa servidão das ilhas para algumas famílias de ilhéus.
- Organização dos Ilhéus na Associação dos Atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande – APIG- 1997, logo após a criação do parque.
- Cadastramento geral dos ilhéus e levantamento dos danos e benfeitorias perdidas na enchente feito pela APIG.
- Ajuizamento do processos do ilhéus em 30 de setembro de 2002.
- Mobilização e ocupação do Parque que resultou na promulgação da Portaria conjunta entre IBAMA/IAP 001/2006 reconhecendo o direito dos Ilhéus do Rio Paraná.

## Reivindicações

### (APA) ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL FEDERAL DOS RIOS E VÁRZEAS DO RIO PARANÁ

- Apoio do Estado em garantir o direito de livre acesso ao território dos ilhéus para o desenvolvimento das atividades de subsistência;
- Que sejam informados aos ilhéus dos documentos que baseiam-se os órgãos ambientais para proibir o acesso dos ilhéus (ICMbio, SEMA e Força Verde)
- Apoiar a regularização fundiária das propriedades (INCRA nas áreas de fronteira e ITCG)
- Indenizar os ilhéus que foram retirados dos seus territórios.
- Novos materiais produzidos pela Nova Cartografia Social.
- Livre acesso à coleta e cultivo do ginseng para os ilhéus.
- Autorização das reformas e benfeitorias (ICMbio, SEMA e Força Verde)
- Anulação das multas e processos de crimes ambientais.
- Paralisação do processo de criminalização dos ilhéus (Força Verde, ICMbio)
- Subsídio financeiro para reestruturação das propriedades
- Que o IAP promova ações de formação de agentes fiscais da comunidade, para que atuem diariamente na fiscalização dos territórios tradicionalmente ocupados, garantindo as condições mínimas de trabalho (infra-estrutura).
- Que o governo apóie a busca de reconhecimento das identidades coletivas e efetive maior facilidade na concessão de benefícios sociais da previdência social.



- Tenham direito garantido o direito ao seguro desemprego durante o período do defeso.
- Garantir que os territórios tradicionalmente ocupados que gerem ICMS ecológico por meio de Unidades de Conservação ou área de uso regulamentado recebam diretamente o valor do rapasse do ICMS para a comunidade e/ou que o mesmo valor seja investido de forma integral na comunidade segundo demandas apresentadas pelas mesmas.
- Que as atividades de subsistência tradicionalmente praticadas (roças, extrativismo, pesca, criações, etc.) sejam garantidas junto com o reconhecimento do uso dos territórios.
- Que a Força Verde, ICMBio, IAP ajam de forma imediata contra as queimadas para a coleta de gengeng, contando com os ilhéus como agentes ambientais;

## **PARQUE NACIONAL DA ILHA GRANDE**

- Mudança de categoria de parque nacional para RDS nas ilhas indicadas pelos Ilhéus, pelo uso do território tradicionalmente ocupados (ICMBio, SEMA);
- Regularização fundiária (para as pessoas que estão em situação de posse);
- Que a Força Verde, ICMBio, IAP ajam de forma imediata contra as queimadas, contando com os ilhéus como agentes ambientais;
- Indenização justa e imediata para que foram afetados pela criação do parque nacional (Ministério Público);
- Paralisação da criminalização contra os ilhéus pelos órgãos ambientais (ICMBio, SEMA e Força Verde);
- Que o IAP reveja o plano de recuperação das margens do alagado de Salto Osório, principalmente na Península do Cavernoso, os quais são todos moradores que novamente estão sendo ameaçado da perca de grande parte do território;
- Que o governo apóie a busca de reconhecimento das identidades coletivas e efetive maior facilidade na concessão de benefícios sociais da previdência social.
- Tenham direito garantido o direito ao seguro desemprego durante o período do defeso.
- Impedir/coibir a exploração turística e especulação imobiliária nas ilhas que foram transformadas em parques, impedindo tratamento diferenciado para os empreendimentos turísticos;
- Que o IAP promova ações de formação de agentes fiscais da comunidade, para que atuem diariamente na fiscalização dos territórios tradicionalmente ocupados, garantindo as condições mínimas de trabalho (infra-estrutura); Garantir que os territórios tradicionalmente ocupados que gerem ICMS ecológico por meio de Unidades de Conservação ou área de uso regulamentado recebam diretamente o valor do rapasse do ICMS para a comunidade e/ou que o mesmo valor seja investido de forma integral na comunidade segundo demandas apresentadas pelas mesmas;
- Que as atividades de subsistência tradicionalmente praticadas (roças, extrativismo, pesca, criações e outras) sejam garantidas junto com o reconhecimento do uso dos territórios.

fica com tudo e os pobre fica sem? Meus filho assim mesmo tão no movimento debaixo da lona, e eles trabalham de bóia fria, porque eles querem sustentar os seus filho, coisa que eles nunca trabalharam pra ninguém, nunca tiveram carteira assinada, foram criados assim, na maior liberdade, mas depois que tiraram a liberdade pra nós sofrer mesmo, a trabalha pros fazendeiro, pras empresas, sem saída, então se nós consegui resgata o nosso território aí nós resgata a nossa dignidade porque a liberdade é completa aqui, é diferente da dos terreno fora que você vive tendo que fazer financiamento pra tentar uma sobrevivência, com todas as especulações você trabalha pras empresa não sobra nada e aqui não, aqui é fartura tem de tudo se a gente pude plantar.

**Nadir dos Santos Garcia**



Antonio Tavares Irmão filho de ilhéus e assentado no município de Candói-PR

Quando nós chegamos lá no Candói, a maioria da região falava: "Chegou os comboio de vagabundo", "da onde?" "É os ilhéus". Nós andavamos com dinheiro no bolso aqui e falava: "Não, nós não somos vagabundo não, somos trabalhador". Eu estou com 66 anos, e tem 25 anos que estou lá, lá eu já passei por precisão, mas aqui dentro da ilha eu nunca passei, mas quando, nós chegamos lá, quem tinha comida, comia, quem não tinha passava fome. E os cara chegavam assim: 'Óia lá você está vendo, os vagabundos'. Eles queriam dizer que nós tínhamos invadido, mas nós não tínhamos invadido, nós fomos em cima do terreno, 'Ó os vagabundos chegaram'. Mas quando viram que nós começamos a andar cada um com dinheiro no bolso, daí 'Não, o povo é tudo trabalhador, não são vagabundos não'. Mas no começo chamavam nós de vagabundos, porque nós tínhamos vindo daqui (da ilhas do Rio Paraná-os ilhéus), e os que estão lá fora, a maioria fala, 90% fala: 'Os vagabundos', é o lugar que o cara busca ouro. **José Pereira Nunes**

Aqui toda a vida nós só fomos pisados, fomos pisados, massacrados, considerados como ladrões, que diz que aqui nas ilhas, só tem, só tinha, ladrão, mas é puro engano, os ladrões foram os que vieram de fora, nós fomos roubados pelo deputado, governador, que fomos roubados, que subiu esse tal de IBAMA, pra apóia esse tal de Parque, pra que? Pra cria cobra, será que nós comemos cobra? Pra tira nós trabalhadores, que toda vida possuímos fartura aqui, pra mata nós de fome, de judiação lá, pra que? Agora o que vale aqui, será que nós põe, o que vai vale mais tarde, esse pé de Tarumã? Nós aqui zelando dele, ele serve pro passarinho, serve pra pega um armado, pra pega uma coisa, mas agora, sem nós, nós lá passando fome, comendo capim, roubando pra comer, porque se tem que sair daqui nós temos que roubar. **Diva Pires Rodrigues**

### Porque somos ilhéus

O ilhéu é porque a gente mora na ilha, mas pra mim é a pessoa que foi criada na ilha, porque a ilha é cercada de água, num tem como você sai a pé, pra atravessar um rio pra ir numa cidade porque tem que ir de barco, tem que ter condição, tem que ter combustível, tem que ter um barco pra você atravessar pra ir na cidade fazer umas compras pra você ir no médico. Então você mora ali numa ilha cercada de água. **Nelci Maria Gonçalves**

Na verdade já leva o nome de ilhéu porque mora na ilha. Vou citar aqui meu caso, que já nasci na ilha, eu sou um verdadeiro ilhéu, que vivi da ilha toda vida né, a nossa cultura aqui assim ó como plantação de soja, milho, e todo tipo de cultura de criação de porco, galinha, e nossa cultura da pesca também, então isso pra mim que é característica verdadeira do ilhéu, que nós somos, nascidos e criados aqui, não só citando eu como exemplo, mas também as outras pessoas que viveram muito tempo aqui nas ilhas, também são conhecidos como ilhéus, essa é a característica. **João Benjamim Franco**

No assentamento onde eles estão lá, os outros de fora falam assim: ali tem um assentamento dos ilhéus, que eram pessoas que moravam na ilha, que foram ... que o Incri deu terra fora da ilha pra eles, que não e verdade, pois temos que pagar pela terra que ocupamos no assentamento parceladamente e ate hoje não recebemos indenização pela nossa terra nas ilhas, sendo que nos já tinha nossa terra e não precisava fazer divida para comprar terra de assentamento. Muitas destas pessoas tem vontade de volta pra cá e cultivar o que cultivavam antes e em consequência da construção do parque nacional da ilha grande que proíbe a volta do povo a morar nas ilhas e cultivar a terra e por medo da repressão que o IBAMA faz contra os ilhéus são poucos os que persistem em morar nas ilhas e a maior parte opta pela indenização por não ter outra opção. **Antonio Tavares Irmão.**

### Nossos conflitos

É tanto sacrifício que nós passamos aqui, o sacrifício, a luta o sofrimento, o prejuízo que nós temos, já veio dos governos que soltou água em 'riba' de nós, porque antes disso, nós estávamos sossegados, então o prejuízo que nós... somos massacrados pelos governantes que cria essas represas, que aonde acabou com tudo que tinha aqui. Quando foi 97 deu a enchente daí nós tivemos que tira tudo daí, as criação, tirar até nossa mudança, um pouco nós deixamos no alto assim, guardado e outro nós tivemos que tirar, aí fomos lá pro Porto Figueira, chegando no Porto Figueira nós ficamos, ai quando a água baixou, nós queria volta, mas o IBAMA não deixaram a gente volta mais, porque disque na ilha não era pra voltar mais ninguém, porque já era parque nacional. **Nadir dos Santos Garcia**

E ter a liberdade né, já que hoje a gente não tem a liberdade que a gente tinha antes, porque antes nós podia plantar, podia criar a vontade e hoje tem a proibição do IBAMA, hoje nós não podemos cortar nenhum pedaço de roça, porque é proibido derrubar árvore, então essa é uma dificuldade das pessoas que ainda estão vivendo nas ilha, de não pode planta suas lavora, pra ter o milho o arroz, o feijão, pepino. Tão querendo fazer aqui da ilha um parque, tão proibindo o pessoal voltar cultivar. Rever o território como era antes né, cheio do nosso povo mantendo a sua cultura, o seu modo de cultivar e preservando a natureza, que sempre foi preservado enquanto os ilhéus viviam, pois só existe preservação porque foi preservada por nós os ilhéus, e aí veio um governo, o interesse dos governo que que privatizar como parque nacional, dizendo que é pra preservar mais. Enquanto não olha pros fazendero que entope as fonte de água, taca veneno até de avião por cima das fonte matando todos os animais, todas as espécies de preservação né, eles deviam atacar era os fazendero, o latifúndio né, e deixar que as comunidades tradicionais vivessem em seus território e preservassem como sempre preservaram. É e a preservação é o real sentido pra continuar a vida sustentável de sobrevivência. Hoje pela pelas base de negociação, nós temos a associação a APIG que vem brigando lutando pelo um valor justo da terra, tendo em vista que a gente não tem o direito de voltar aos nossos território cultivar as nossas lavora, hoje se fala aí em dez conto limpo, isso dá um valor de treze conto porque tem vinte e cinco por cento para pagar sobre o trabalho dos advogado né, hoje se fala nesse valor, a terra aqui na região custa é mil e duzentos sacco de soja, que dá um valor aí de sessenta mil reais o alqueire, porque que a nossa terra



Alagamentos provocados pelas cheias de década de 80 do Rio Paraná



Identificação do Parque Nacional da Ilha Grande



*Na esquerda, uma casa de veranistas recém construída com cercas ao redor e antena parabólica. Na direita, casa de ilhéus que não tem permissão do IBAMA para fazer reformas, as quais se forem feitas os ilhéus são multados pela fiscalização do IBAMA e Força Verde, tendo em muitas vezes a reforma destruída.*



*Proibidos de plantar em seu território os ilhéus improvisam canteiros*



*Pesca esportiva conflito relatado pelos ilhéus que vivem nas ilhas*



*Queda das barrancas provocado pelo remanso do lago de Itaipu, como consequência do assoreamento do rio e lago.*



que vai substituir essa terra pode valer só dez mil, então isso ai é mais uma injustiça querendo roubar os ilhéus né e por isso gera mais uma indignação da gente, porque a terra que representa a vida de um povo passa a ser terra de especulação do capital, o que vale mais o dinheiro ou a vida? Porque nas ilhas a gente vivia em liberdade e hoje somos escravos, somos obrigados a trabalhar de empregados para sobreviver. **Antonio Tavares Irmão**

77 a primeira grande (cheia), 79 fecharam a Itaipu, em 80 deu aquela grandona. Nos tiraram o direito de viver aqui e jogaram à margem das periferias da cidade, ou debaixo de lona nos acampamentos, eu diria que eu nunca vi falar em nenhum lugar do mundo, onde as pessoa fossem expulsas de sua própria casa...com nós aconteceu isso, infelizmente fomos expulsos da nossa própria terra, pra mim o que acontece hoje com os ilhéus eu digo com tristeza, mais é a mesma coisa pra mim porque algumas autoridades estão rasgando a constituição federal, porque a lei diz que nós, a lei é igual pra todos, pra nós não foi assim, então eu falo com indignação porque nós fomos tratados pelo poder público pior do que os animais e nós ilhéus defendemos o meio ambiente, é engano e muito engano as pessoas que pensam que aqui a gente veio para destruir, viemos pra preservar muito embora preservação do meio ambiente pra mim ela só se dá na medida em que o ser humano seja preservado em primeiro lugar e não preservar o meio ambiente simplesmente pra exclui o homem de seu habitat . E a gente vai à luta essa luta deve andar muito ainda, mais nós não vamos esmorecer. A indenização justa porque fomos expulsos da nossa própria pátria do nosso próprio convívio, então eu defendo essa tese porque acho que é justo, até porque se nós lutar só pelo resgate do território e o prejuízo que ficou a doze anos sem poder plantar e estamos hoje aí debaixo de lonas... isso eu concluo dizendo eu sou ilhéu com muito orgulho eu vou lutar com vocês...até o final. **Francisco Vitorino da Silva**

O que afetou aqui o pessoal das ilhas, os ilhéus, é a construção da usina de Itaipu, como já vi que tem algumas parte, a Itaipu alagou as Sete quedas, aqui de Guaíra, e depois o rio encheu e encontrou lá a os ilhéus na época se obrigaram a sair das ilhas. E por falta de autoridade aconselharam a não voltar mais pra ilha naquela época, então fizeram a proposta de pegar terra pra fora, terra do Inbra, então os ilhéu ficaram assim, meio espalhados hoje. Ainda ficou conhecido como ilhéu, mas fora da ilha. **João Benjamim Franco**

## **A importância da autocartografia na luta pelo território**

A esperança de a gente conseguir, através da cartografia social resgatar o território que a gente possa habitar sem encomodação do IBAMA, que se agente não resgatar o nosso território ou indenização do mesmo nós estamos frito, porque não temos onde plantar e criar o que queremos, tão falando em processo de indenização mais não querem pagar o valor justo pela nossa terra, só pra tirar o povo criaram a ilusão de indenização e ate hoje isso não aconteceu, e fica a esperança de resgatar a nossa terra ou indenização satisfatória para os ilhéus, se vê, eu me sinto aqui dentro da ilha como a criança no braço da mãe, sabe porque aqui é que a gente nasceu e se criou, então quando a gente perde a mãe da gente praticamente a vida da gente fica insegura e o agricultor que perde a sua terra fica indefeso. Se nós conseguir resgatar isso aí e povoar, uma parte já morreram, outra parte não querem voltar, mas aqueles que querem voltar que se sintam preparados para lutar pelo resgate do seu território, continuar resgatando um pouco a cultura, porque senão nós morremos, a vida passa tão rápido e as coisa se perdem com o tempo, é então aqui a gente vai ver a característica do ilhéu verdadeiro, porque as ferramentas que se usa estão tudo aí, então todas as coisa aqui é fundamental para a vida dos ilhéus como a terra que produz alimento fartos, a água que produz peixe em abundancia e o clima e muito bom. **Antonio Tavares Irmão**

O que a gente tá fazendo hoje aqui é exatamente defende o direito dos ilhéus é uma luta antiga e que não chegou ao fim, a nossa esperança a nossa expectativa é de que esse e outros tantos movimentos que surgirão depois consiga o objetivo, primeiro é ser reconhecido como ser humano, os nossos direitos, a gente que está aqui há tanto tempo e esperando uma decisão governamental pra poder conquistar os nossos direitos, até vou além quando o pessoal fala do regate ao território, mais queria só ilustra um pouquinho, que a minha preocupação maior também não é só isso; quando uma pessoa é demitido do seu serviço ele recebe os direitos trabalhistas, os pescadores por sua vez consegue o seguro desemprego, consegue o seguro desemprego...só concluindo, o seguro desemprego que é concedido pára os pescadores é pelo fato deles ficarem proibidos de pesca durante quatro meses...nós queremos sim o resgate do território mas antes disso nós queremos ser indenizados pelo prejuízo causado, porque são mais de doze anos que nós fomos proibidos de planta e a terra é nossa compramos e pagamos, nós queremos uma indenização justa pelos nossos direitos que foram tirados e depois o regate. **Francisco Vitorino da Silva**



*Oficinas de mapas e construção de legendas realizada na Ilha Peruzzi, município de Altônia*

# Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**  
*Nosso Jeito de Viver no Sertão*  
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**  
*Mostrando sua Cara, Vez e Voz*  
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas,**  
Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú  
Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas**  
Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera,**  
Gaspar, Barreira Branca e São Pedro  
Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho**  
Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva**  
Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia**  
Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada**  
Paíol de Telha Fundão –Paraná
- 12 Comunidade de Pescadores**  
de Caravelas, Sul da Bahia
- 13 Expressões culturais e ofícios tradicionais**  
em Goiabeiras Velha – Vitória , Espírito Santo
- 14 Ribeirinhos e Artesãos de Sumaúma e Xixuaú- Rio**  
Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 15 Ilhéus do Rio Paraná atingido pelo Parque**  
Nacional da Ilha Grande e APA Federal – Paraná
- 16 Pescadores Artesanais da Vila de Superagui,**  
Guaraqueçaba, Paraná

## REALIZAÇÃO

Movimento dos Ilhéus do Rio Paraná –  
MOIRPA

Associação dos Ilhéus Atingidos Pelo  
Parque Nacional da Ilha Grande – APIG

## APOIO

